

## Ampla, geral e irrestrita — I

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

A crise da educação é o que existe de mais grave no Brasil, tanto pelos seus reflexos nos dias de hoje quanto por comprometer seu futuro, pois as conquistas científicas e tecnológicas dos países desenvolvidos, e nosso atraso nesses setores, tornam nosso país mais dependente e pobre do que já é. A escola serve hoje mais para deseducar e é responsável por nossas dificuldades políticas, econômicas e sociais e pela decadência de valores éticos e morais. Cabe ainda lembrar que a já avançada socialização ou comunização do Brasil exige a destruição da escola como centro de saber e formação de homens livres.

Custa a crer que se tenha chegado a tal estado durante os governos ditos de direita, capitalistas, e que ele tenha se consolidado no atual, autoproclamado de liberal e consequentemente cioso da importância do indivíduo e da livre iniciativa. Ao desconhecimento da importância da educação e de seus reflexos na vida social e à omissão, convicção e covardia de administrações se deve a falência do ensino. Entre janeiro de 1987 e de 1988, por exemplo, a folha de pagamento das instituições de ensino superior mantidas pela União cresceu muitas vezes mais que a inflação, enquanto se realizavam greves injustificáveis e sem fim. O MEC hoje lhes destina mais de 80% de seu orçamento, garantindo para o Brasil índices que o denigrem perante o mundo civilizado: tem mais professores por aluno nesse nível de ensino que qualquer outro país e os seus alunos são os mais caros do mundo em relação aos do 1º grau; nossas universidades são as que permanecem mais tempo em greve (o que, aliás, gera grande economia de água, luz, telefone, arroz, feijão e outros alimentos) e estamos num desonestíssimo 11º lugar em produção científica per capita entre os países... latino-americanos.

A crise não nasceu no atual governo, apesar de sua responsabilidade exclusiva pelo seu agravamento. Ela também existe em outros países, de origem latina, por exemplo, o que talvez se deva, em parte pelo menos, a neles existir a vinculação direta entre escola, currículo, profissão, sindicato e mercado de trabalho. Além disso, em muitos deles, na França e no Brasil, por exemplo, viceja a "pedagogia moderna, que parte de uma idéia de tábua rasa e ambiciona educar uma nova humanidade..." — Instala-se na educação "um socialismo primário, com sua paixão pela irresponsabilidade e pelo coletivo, sua insaciável exigência de igualdade, seu fascínio pelo falso saber e por uma cultura fetiche, tudo concorrendo para a ruína da instrução e para a produção de gerações de selvagens".

é obstáculo à construção da escola ideal".

Surge assim o ódio ao saber e aos que o cultivam: "Mas é dramático que (...) se transforme em ódio ao saber. A instrução, que outrora tinha assegurada sua promoção e determinado seu lugar no seio da hierarquia social, é considerada (...) pretexto para injusta discriminação e obstáculo para a igualdade de condições. Torna-se então bem-vinda a ideologia que oferece a miragem do futuro radioso, de uma sociedade sem diferenças e sem coerções cujo advento é retardado pela existência de padres e a perversidade dos abastados". Explicam-se assim também a permissividade e as várias "libertações" que exigem apenas o rebaixamento da vida intelectual e moral ao sensacionismo ou sensalismo, de motivação puramente fisiológica.

"Há tempos, nesta página, dei alguns exemplos do bem-sucedido esforço de nossas autoridades em fomentar a ignorância ampla, geral e irrestrita dos jovens (como se tivessem a determinação de criar o Homo brasiliensis stultus, versão piorada do Homo sovieticus de Zinquiev) e mencionei livros patrocinados pela FAE-MEC que, ao lado de outras idiotices, asseguram que o cipó do Tarzá é o melhor meio de transporte na selva. O livro de frei Betto (OSPB, Introdução à Política Brasileira, Ed. Attica, 5ª edição), destinado ao 1º grau, não é dessa categoria, mas é altamente pernicioso para adolescentes por veicular conceitos científicos errados, ensinar que a luta de classes é panacéia para a solução dos problemas que nos afligem e oferecer uma visão não raro equivocada de questões sociais. Cabe, entretanto, assinalar que, por conviverem com a alarmante miséria em que se encontram milhões de brasileiros, rejeitados pela sociedade e desprezados pelo poder público e premiados pela angustiante espera de soluções para esses graves problemas, há quem, honesta e apressadamente, formule conceitos equivocados e proponha soluções inviáveis ou inaceitáveis.

Diz frei Betto (Apresentação) que "o papel da ciência é justamente provar que nem sempre as coisas são como parecem", contrariando até o cosí se vi pare do escritor italiano, e que (pág.11) "temos, o costume de dizer que o Sol nasce. De fato, à humanidade durante séculos confiou em suas impressões sobre a natureza. Até que dois cientistas, Nicolau Copérnico (1473-1543) e Galileu Galilei (1564-1642) provaram cientificamente que o Sol é uma estrela em torno da qual giram vários planetas, entre eles a Terra. Cada vez que a Terra dá uma volta sobre si mesma, é um dia. Cada vez que contorna o Sol, são 365 dias".

O livro de Isabelle Stal e François Thom, A Escola dos Bárbaros, mencionado em outro artigo (Ed. USP, prefácio de A. Besanson e R. S. Maciel de Barros); do qual é extraída a citação acima, é um libelo contra o conteúdo do socialismo e da pedagogia, que oferece uma visão nihilista do mundo, estimula a luta de classes, valoriza as falsas ciências e o trabalho em equipe em vez do individual ("o trabalho em equipe é a fórmula mágica: equipes de professores, equipes de alunos, onde se desfazem os conflitos, onde se dissolvem os contornos das pessoas, onde se neutralizam as diferenças, onde desaparece a competição, onde, enfim, há o banho geral nas mornas águas da fraternidade"), busca eliminar diferenças, criar "o reino das estruturas horizontais" e valorizar "ideais das pequenas comunidades — fás de conjuntos musicais, drogados, invasores de edifícios abandonados, criadores de cobras, ceramistas e tecelões, ecologistas de segunda classe (...) que tiveram seu apogeu no pós-68 (...)".

A perda da individualidade e da confiança do homem em seus próprios valores espirituais leva ao gravismo e ao assembleísmo como forma de expressão. As pessoas não valem mais pelo que são ou podem vir a ser, no universo intelectual, no acadêmico ou na própria sociedade, mas por sua vinculação a grupos. Surge assim o nivelamento por baixo e proliferam as falsas ciências, pseudo-teorias e explicações simplórias para questões complexas (vide, por exemplo, o Plano Cruzado, no atual governo, a "pedagogia da qualidade", no anterior, e a "opção terceiro-mundista", em vários deles) fazendo-as passar por concertos essenciais, transcendentais, quando na verdade são irrelevantes, descabidos, indigestos e triviais.

As autoras exemplificam várias vezes essas situações e citando a Unesco ("um dos vetores da propaganda soviética (...)") e sua ênfase em "lutar resolutamente... contra as causas e as consequências da crise e do subdesenvolvimento, orientar seu ensino para a paz e para o desarmamento, para os direitos humanos e a amizade entre os povos... esta educação deve permitir a compreensão dos perigos e das causas das guerras, das crises e do subdesenvolvimento e procurar meios para eliminar esses males... a educação voltada para os direitos humanos, para a paz e para o desarmamento são os elementos permanentes (...)", tudo um bolodório inútil, pois isso decorre apenas da aprendizagem em escolas que oferecem formação cultural e ética, valores que a pedagogia nova, o socialismo e essa agência de turismo internacional pretendem substituir pelo marxismo, que explica todo o universo pela palavra de seus profetas — Marx, Lenin e Engels.

Incapaz de abreviar a chegada do paraíso, prometida há mais de um século, pelo materialismo dialético, "à esquerda, incapaz de se libertar do lastro ideológico" e vendo falhar suas profecias e "incapaz de compreender os males que registra e timidamente denuncia (...) imputa a responsabilidade desses males" às forças conservadoras, ao conteúdo da direita, acusada de demolir a escola a fim de realizar seus negros destínios, para esses males diversos, uma panacéia: o aumento de verbas é suficiente a multiplicação de todas as coisas, professores, classes, cartelas, psicólogos para remediar as dificuldades da educação nacional. Somente a avareza congênita do poder

A ciência nada tem que ver com o objetivo anunciado por frei Betto, que estaria mais perto da verdade se tivesse dito que ela almeja explicar as coisas além de aparências ("feliz qui potuit aerum cognoscere causas"...). Além disso, a ciência existe justamente porque a humanidade sempre confiou, e continua a confiar, em suas impressões sobre a natureza e assim exige suas teorias que subsistem até serem falseadas, no sentido de Popper. Em nenhum momento, Copérnico ou Galileu provaram que o Sol é uma estrela (até porque o estudo de sua composição e dinâmica só foi possível com o advento da espectroscopia e da física moderna), e eles tampouco provaram que a Terra gira em torno do Sol. O heliocentrismo, aliás, antecede de mais de um milênio e meio os estudos de Copérnico e Galileu e foi admitido, talvez pela primeira vez, por Aristarco de Samos (circa 275 A.C.).

O pai do método científico "a filosofia é escrita nesse grande livro, o Universo, que permanece sempre aberto aos nossos olhos mas que não pode ser compreendido exceto se aprendermos a compreender a linguagem e interpretar os símbolos no qual está escrito e eles são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, sem os quais é humanamente impossível compreender uma palavra sequer. Sem eles, vagueia-se em labirinto escuro". Il Saggiatore, 1623) registrou no Sidereus Nuncius, em 1610, que, com a luneta inventada pelos flamengos e por ele aperfeiçoada, comprovou que Júpiter possuía quatro satélites e isso contrariava conjecturas de Aristóteles e Ptolomeu e favorecia Copérnico. Galileu, entretanto, não aprovou o movimento da Terra em torno do Sol nem "desconfiou de suas impressões", muito pelo contrário. Aliás, a comprovação do movimento da Terra em relação a corpos celestes só foi feita pela primeira vez por Bradley, em 1725, e dizer que a Terra gira em torno do Sol ou que o Sol gira em torno da Terra é questão de simples preferência, egoísmo ou presunção, porque do ponto de vista científico as duas afirmações são igualmente corretas.

Para encerrar este assunto e voltar ao livro de Frei Betto em outra ocasião, observo que, ao contrário do que se passou com Giordano Bruno, lançado à fogueira pela inquisição pelo Cardeal Bellarmino, à luz da época e na medida em que buscava estabelecer a verdade, nada de irregular havia no processo que mandou fazer contra Galileu entre 1613 e 1615 e que se incorporou ao famoso Codice 1181, hoje no arquivo secreto do Vaticano. Quando o Cardeal Maffeo Barberini tornou-se papa — Urbano VIII — mandou seu ex-protetido à inquisição porque, sem autorização de Roma, publicara em Florença, em 1623, o Diálogo del Due Massini Sistema Del Mundo e talvez também tivesse contribuído para tanto a suspeita de que Simplicius, simplório personagem do próprio papa. Talvez assim se explicasse a abjuração de Galileu, pois nem ele nem a Igreja provaram ou poderiam ter provado os pontos de vista que lhes atribuem. O Eppur Si Muove — move-se entretanto — atribuído a Galileu como prova de sua convicção sobre o movimento da Terra, é provavelmente folclórico.

De resto, cabe assinalar que, ao contrário do que supõe Frei Betto, quando a Terra "contorna o sol" não se passam 365 dias, mas um número maior, o que aliás levou o papa Gregório XII a estabelecer, em 1582, o calendário que lhe leva o nome, adotado até hoje.